

IMAGEM, CULTURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO: ANÁLISE COGNITIVA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM RELAÇÃO A IMAGENS, VISUALIDADES ARTÍSTICAS E PRODUÇÕES DE SENTIDO ARTICULADOS COM A CULTURA

Ana María Casnati

Universidade Federal de Bahía, Brasil

anacasnati@gmail.com

RESUMO

Gradativamente as pesquisas que tentam compreender fenômenos complexos produzem um deslocamento de dentro de um campo disciplinar restrito e procuram relacionar os fenômenos com o mundo onde está contextualizado sob a perspectiva de diversos referenciais teóricos, epistemológicos e metodológicos. Nesse sentido Froes Burnham (2012) esclarece que o Análise Cognitiva (AnCo) instala-se na procura de encontrar e desenvolver meios que excedam as dificuldades epistemológicas ainda não superadas através da tradução, transdução e diálogo entre grupos / comunidades que se estruturam em torno de sistemas com outros (grupos / comunidades) organizados segundo sistema(s) distinto(s). O Análise Cognitiva (AnCo) instala-se na procura de encontrar e desenvolver meios que excedam as dificuldades epistemológicas ainda não superadas através da tradução, transdução e diálogo entre grupos / comunidades que se estruturam em torno de sistemas com outros (grupos / comunidades) organizados segundo sistema(s) distinto(s). AnCo inaugura uma esperança de que o conhecimento possa transformar-se em um bem público, mediante formas de entendimento coletivamente elaboradas visando ao exercício compreensivo, real e efetivo de cidadanias. Num processo próprio, gradativo e mutante de abordagem para a produção de sentido e difusão de conhecimento, a pesquisadora como analista cognitiva, “coreografa” seu proceder, ao acionar referenciais, ao estabelecer conexões, e ao observar metáforas visuais na construção da compreensão do campo da pesquisa. Este desenho de análise sustentado na crítica da hegemonia, da homogeneidade e redução da ciência, potencializa o valor dos questionamentos sobre os significados, sentidos simbólicos, práticas e experiências ético/estéticas, bem como os valores culturais que também ressignificam as construções culturais na Abya Ayala¹.

Palavras chave: análise cognitiva, imagen, cultura, produção de sentido

1. INTRODUÇÃO

Gradativamente as pesquisas que tentam compreender fenômenos complexos produzem um deslocamento de dentro de um campo disciplinar restrito e procuram relacionar os fenômenos com o mundo onde está contextualizado sob a perspectiva de diversos referenciais teóricos, epistemológicos e metodológicos. Nesse sentido Froes Burnham (2012) esclarece que o Análise Cognitiva (AnCo) instala-se na procura de encontrar e desenvolver meios que excedam as dificuldades epistemológicas ainda não superadas através da tradução, transdução e diálogo entre grupos / comunidades que se estruturam em torno de sistemas com outros (grupos / comunidades) organizados segundo sistema(s) distinto(s). Como Fröes Burnham explicita, AnCo inaugura uma esperança de que o conhecimento possa transformar-se em um bem público, mediante formas de entendimento coletivamente elaboradas visando ao exercício compreensivo, real e efetivo de cidadanias.

AnCo, portanto, leva implícita uma carga conceitual e do imaginário dos pesquisadores ao se apropriar e (re)significar diferentes referenciais² do campo ampliado das Ciências Cognitivas, trabalhando com conceitos, relações conceituais e processos em ocorrência, bem como a desconstrução destes, o que obriga a reconsiderações ou reconfigurações contínuas. Assim, Arte e Cultura Visual podem favorecer e contribuir para a compreensão e divulgação de métodos e resultados de pesquisas que incluem a utilização das tecnologias do visual. Estas tecnologias, presentes nas narrativas e poéticas da produção contemporânea podem intervir de maneira privilegiada nas relações entre os sujeitos porém também contribuem a produzir novas maneiras de usos e recursos quotidianos.

Num processo próprio, vagaroso e arriscado de abordagem para a produção de sentido e difusão de conhecimento, a pesquisadora como analista cognitiva, “coreografa” seu proceder, ao acionar referenciais, ao estabelecer conexões, e ao observar metáforas na construção da compreensão do campo da pesquisa.

1. Nome usado neste documento para definir América Latina e proclamado nome próprio do continente americano na reunião do Conselho Mundial de Povos Índios, realizada em Port Alberni, Canadá, 1975 (Fornet Bentancourt, 2004, p. 49)

2. O complexo conceitos-estruturas-processos metodológicos-contextos encontra-se envolvido nas dinâmicas de construção do conhecimento ampliado (Fröes Burnham, 2012).

Este desenho de análise sustentado na crítica da hegemonia, da homogeneidade e da redução da ciência, potencializa o valor dos questionamentos sobre os significados, sentidos simbólicos, práticas e experiências ético/estéticas, bem como os valores culturais que também ressignificam as construções culturais na Abya Ayala³.

Por conta disso é preciso advertir sobre o sentido que têm as construções de conceitos, conteúdos, sentidos, significações e as formas como eles são inseridos socialmente nas implicações, projeções e as construções de mundo, horizontes de sentido que orientam as construções de sentido dos sujeitos contemporâneos e permitem reconhecer as relações de poder que estão implícitas por trás dos discursos.

2. PONTO DE PARTIDA

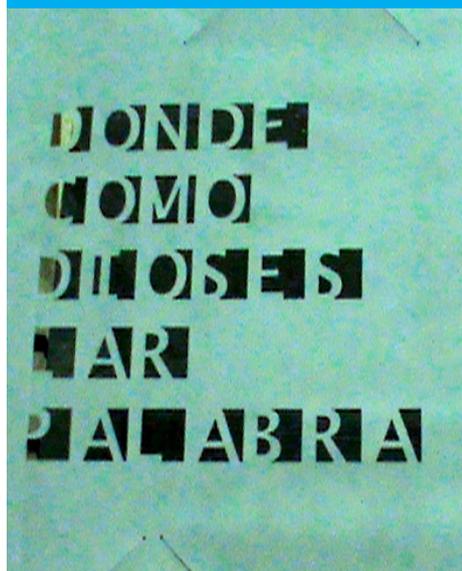
Para justificar a descrição do analista cognitivo se parte da seguinte ideia conceitual: “O Análise Cognitivo é um campo complexo (multirreferencial, polissêmico, polilógico, pluridimensional) de trabalho com/sobre o conhecimento e seus imbricados processos de construção, organização, acervo, socialização que inclui dimensões entrelaçadas de caráter teórico, epistemológico, metodológico, ontológico, axiológico, ético, estético, afetivo e autopoietico que busca o entendimento de diferentes sistemas de estruturação do conhecimento e suas respectivas linguagens, arquiteturas conceituais, tecnologias e atividades específicas, com o propósito de tomar estas especificidades em bases para a compreensão mais ampla do mesmo conhecimento, com o compromisso de traduzi-lo, reconstruí-lo e difundi-lo com perspectivas abertas ao diálogo e a interação entre comunidades vinculadas a esses diferentes sistemas, de forma a tornar em conhecimento público aquele de caráter privado que é produzido por essas comunidades, mas que é também de interesse comum a outros grupos / comunidades/ formações sociais amplias” (Froes Burmham, 2012: 34)

De esta forma AnCo inaugura uma esperança de que o conhecimento possa vir a ser um bem público, mediante acordos coletivamente organizados no sentido de fomentar um exercício inclusivo, ativo e legítimo de cidadania. Para contribuir a compreensão de AnCo opta-se por duas formas discursivas: a escrita e a imagética e nesse sentido recomenda-se observar a articulação do texto com as imagens que o acompanham. Assim a fotografia 1 destaca a importância da imagem e da palavra na vida cotidiana dos habitantes da Abya Yala.

O analista cognitivo se focaliza em momentos, processos ou fenômenos que se produzem nas articulações de diferença e que contribuem a enriquecer a compreensão do contexto. Interessa conhecer “de que modo se formam os sujeitos nos entre-lugares” (Bhabba, 2010: 43).

Como uruguaia pesquisadora no Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal de Baía, assumo a palavra como mulher uruguaia, docente universitária, artista têxtil em um contexto de difusão massiva das TICs na educação. Neste processo de produção de sentido, na justificação da Análise Cognitiva se opta então por realizar uma metodologia demonstrativa de mostrar e fazer. Tanto na prática quanto no exercício da docência, a experiência demonstra que aprender desde o vivência do fazer resulta uma tentativa ou ensaio próprio e apropriado para cada sujeito.

Fig. 1. Fotografia de fragmento da obra do grupo da Faculdade de Arquitetura, Universidade de Chile, XXX Bienal de São Paulo, 2013 (Fonte: a autora)



3. Nome usado neste documento para definir América Latina e proclamado nome próprio do continente americano na reunião do Conselho Mundial de Povos Índios, realizada em Port Alberni, Canadá, 1975 (Fornet Bentancourt, 2004, p. 49)

O Analista Cognitivo pesquisa a emergência dos interstícios, a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença (Fig.2), mais também interessa conhecer o lugar desde o qual se fala (Fig.3, 4).

Fig. 2. Obra de Franz Mon, XXX Bienal de Arte de São Paulo (Fonte: a autora)

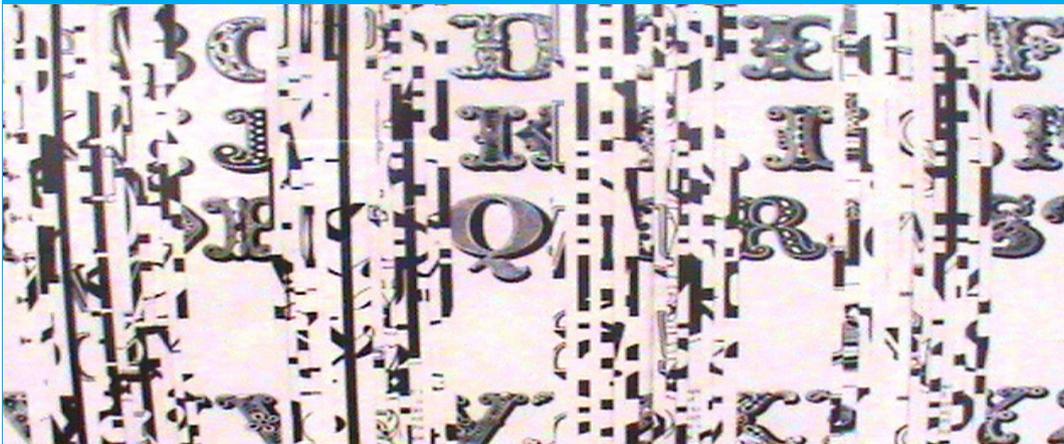


Fig. 3. Fotografia de fragmento da obra do grupo da Faculdade de Arquitetura, Universidade de Chile, XXX Bienal de São Paulo, 2013 (Fonte: a autora)

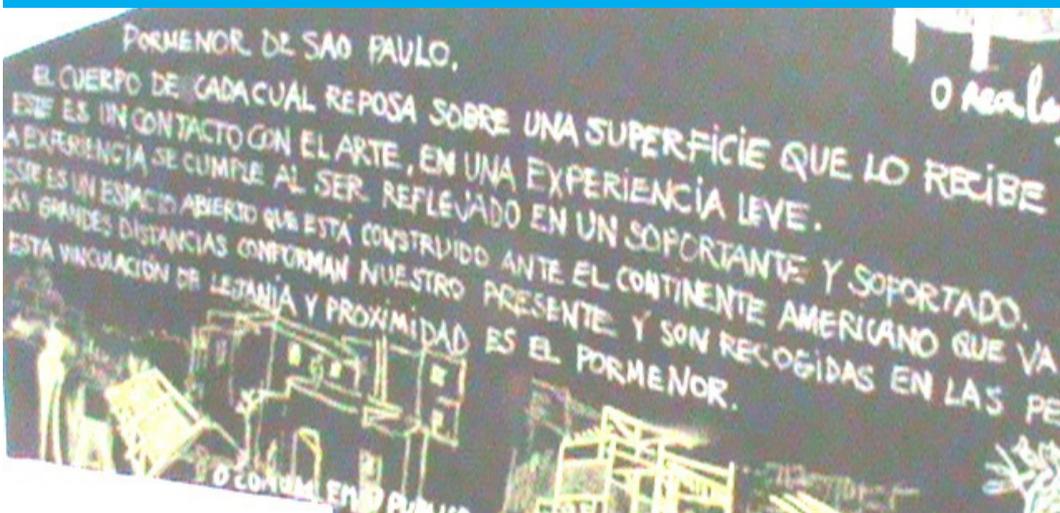


Fig. 4. Fotografia da Instalação de Kriwet na XXX Bienal de São Paulo, 2013 (Fonte: a autora)



Em consequência a análise neste trabalho se faz desde o exercício pratico reafirmando que o Analista Cognitivo trabalha sobre as formas de construção e difusão do conhecimento e as relações com o saber.

3. UM EXEMPLO DE ANCO

Desde a surpresa pelo achado e o incômodo com a cultura (ideologia) a conexões entre diferenças e coincidências constituem a base de revelações e reconstruções em um momento de estranhamento. Nas vivências em Salvador de Bahia, observam-se analogias e divergências entre os “Cultos de Posesión” de Uruguai e Argentina e o Candomblé baiano.

Nota-se que existe acordo dos investigadores em reconhecer que as comunidades religiosas de origem africano em Uruguai e Argentina, procedem ou provêm das raízes brasileiras (Pi Hugarte, R. e col.1998). Os “cultos de posesión” começam a manifestar-se primeiramente em Uruguai e logo em Argentina nos anos 1960-1970. A descrição corresponde a Alejandro Frigerio em sua pesquisa sobre “O papel da escola uruguaia na expansão das religiões afro brasileiras na Argentina” no livro de Pi Hugarte (1998: 75, 98).

Na pesquisa de Frigerio, o pai Daniel de Shangó (uns dos primeiros batuqueiros uruguaio da escola brasileira) explica a forma como aprenderam a realizar festas publicas de batuque. O investigador pergunta: “¿Que tem que fazer para ser um bom pai de santo?”. Daniel de Shangó responde: “Um pai de santo se vê pelas suas obras, tem uma casa de religião e se não faz escola, no faz filhos com casas, qual é a semente que planta?” Na figura 5, a fotografia do artista Andrés Penteado contribui a compreender o ambiente dos “cultos de posesión”.

Fig. 5. Fotografia da obra do artista Marques Penteado na XXX Bienal de São Paulo



Daniel de Shangó continua: “Estávamos fazendo coisas com orixás fazia muito tempo, mais não fazíamos toques porque não sabíamos as rezas. O primeiro batuque autêntico que se escutou em Uruguai ocorreu na casa de Noti de Oxalá. Trouxe um atabaque e também gente de Brasil para fazer batuque e nos começamos a aprender. Eu trouxe um brasileiro Luiz Claudio para que ensinasse a dançar. Naquele primeiro batuque, eu levei o gravador, registrei tudo e anotei todas as rezas. Depois contratei o batuqueiro Marcos de Xangó para tocar na minha casa e revisamos todas as anotações, ele corrigiu e começou a ensinar a meus filhos. Logo os filhos já sabiam como bailar e como cantar uma reza. A Umbanda prendeu com muita força”.

A partir das evidencias se observa que o conhecimento dos rituais para a expansão da religião afro em Uruguai se constrói essencialmente nas interações entre sujeitos. Manifesta-se um complexo de conceitos- estruturas- processos metodológicos e contextos envolvidos nas dinâmicas de construção do conhecimento ampliado com outros.

Desde uma mirada em paralaxe que se desloca dos objetivos da pesquisa realizada por Pi Hugarte, a implicação da pesquisadora obriga a reconhecer a intervenção da vida afetiva e imaginaria de cada sujeito ligado a um sistema de crenças e expressões religiosas próprias de sua socialidade.

O conceito de “socialidade do cotidiano” (Maffesoli, 2010:10) adquire significação na sociedade contemporânea pela sua estrutura complexa e orgânica. O autor explica que o povo se diferencia do proletariado de classes que predomina na Modernidade, aprisionado numa historia em processo.

Por tanto, Maffesoli aplica a metáfora da tribo para responder a valorização de cada pessoa como integrante da sociedade no processo de des- individualização que ocorre em domínios culturais, ideológicos, religiosos, artísticos, científicos. A característica essencial do tribalismo é um sentimento de pertencimento, de horizontalidade nas relaciones, e simbiose afetiva que respondem a processos de subjetivação próprios e apropriados aos sujeitos na cultura da tribo. O social é resultante da determinação socioeconômica de base funcional e contratual estável.

A socialidade se fundamenta na ambiguidade e imprecisão da estruturação simbólica quando os sujeitos estão entregues a si mesmos e a um sentimento partilhado em rede, com base no que é emocionalmente comum. Na socialidade descobrem-se reflexos míticos e poéticos, assim como o sentido do sagrado frequentemente dissimulado nas atividades mais corriqueiras e prosaicas, na cotidianidade. As formas de socialidade encontradas são compartilhadas e discutidas introduzindo uma sociologia da ação que inclui a “razão sensível” de Maffesoli. A traves dos textos da pesquisa do grupo de Pi Hugarte, observa-se que

o conhecimento sobre os toques e a religião se socializa. Porém o passado não é usado para estafar os outros e os direitos de autor ficam de lado. A autoridade não se sustenta no vertical e quantitativo mais no horizontal e qualitativo, nos atos de representação. Isto aparece manifestado na imagem da obra de Andres Penteadó na figura 6.

Fig. 6. Fotografia da obra de Andres Penteadó na XXX Bienal de São Paulo



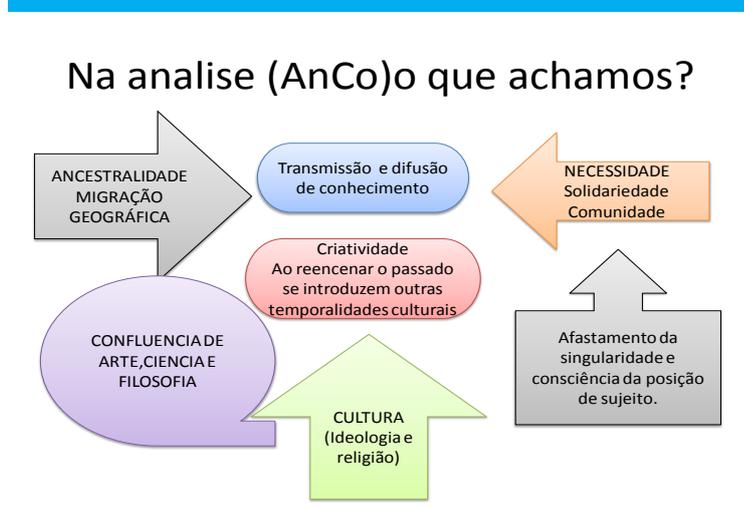
4. CONCLUSÕES

Na proposta de “abordagem transversal e escuta sensível em ciências humanas” Barbier (2007: 27) reconhece a importância do imaginário nos planos científico, filosófico e poético. A abordagem transversal é uma abertura para a vida social, política, afetiva, espiritual que faz da pesquisadora na interação com o objeto de pesquisa, um ser-sendo- com e todos estes fatores exigem como complemento um olhar em paralaxe.

Na contemporaneidade, surge à necessidade de construir relações que brindem a possibilidade de apreender os fenômenos a partir de processos que ajudem a associar e a distinguir, reconhecendo os vários níveis de realidade, evitando reduções limitantes e habilitando a possibilidade de diálogo entre disciplinas ou áreas de conhecimento. AnCo trabalha com conceitos, contextos e relações conceituais, isto exige uma implicação da pesquisadora e o reconhecimento do conhecimento como construto cultural enquanto negociação de sentido, em relação com as representações simbólicas distintas e particulares dos contextos de referência dos sujeitos e dos processos intrínsecos de socialização do conhecimento.

Neste trabalho se apresenta a Análise Cognitiva, na práxis do ser sendo na “interculturalidade” (Fornet Bentancourt, 2004) da Abya Yala e considerando o campo de sentido da ancestralidade nos “Cultos de Posesión” em Uruguai e Argentina. Na figura 7 mostra-se um mapa conceitual das articulações realizadas no percurso do trabalho como exemplo de Análise Cognitiva.

Fig. 7. Mapa conceitual da forma de trabalho de AnCo.



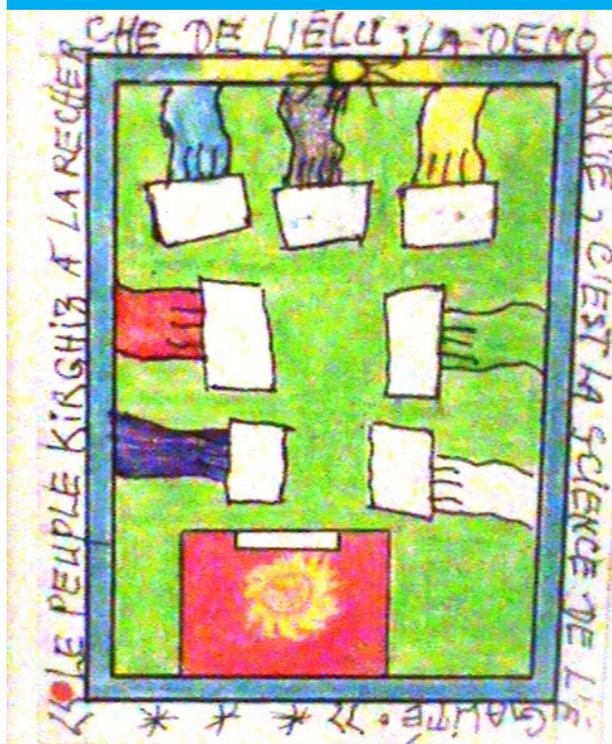
AnCo demanda que o sujeito saia de si mesmo para de fato ver o que está acontecendo. Implica ir além: tomar distancia espacial. Ir além e passar o limite, estar no plano do incognoscível, irrepresentável e isso exige criação com um retorno sempre ao real, uma noção de transgressão e conspiração em relação a socialidade. É imperativo descobrir as representações que circulam nos contextos de conhecimento onde nos identificamos mais também é preciso que os outros também se identifiquem.

Trabalha-se em campos de experiência próprios e apropriados para incorporar a riqueza e a experiência que surgem em ambientes de vida diversos. Os conceitos são acordados e se constroem a partir da linguagem para o acordo. Nesse sentido, o analista cognitivo se vê exigido a especificar o campo do conhecimento e a linguagem que de alguma forma estrutura o conhecimento devendo incorporar referenciais, estabelecer conexões, e propor metáforas na construção da compreensão do campo.

A importância da contextualização do pesquisador com um campo de análise que não lhe é próprio se associa a implicação, a abordagem de um sistema multirreferencial e a intencionalidade de conceber a forma de saber, que leva em conta o sujeito, o seu contexto e a forma como está surgindo o discurso. Assim as imagens estéticas mostram um tempo ético de narração: exibem relações do interior (processo de subjetivação) como uma externalidade que tem opacidades implícitas.

Viver em um mundo estranho é encontrar as ambiguidades encenadas na ética da estética, representadas nas obras de arte em definitiva contribuem a afirmar um profundo desejo de solidariedade humana. Nesse sentido, na perspectiva multirreferencial a questão do conceito impregna-se muito densamente pela implicação do sujeito e ele só vai existir através do conhecimento. A própria origem etimológica da palavra: implicar ("plicare" significa dobrar, dobrar sobre si próprio) traz em si a ideia de reflexividade sobre o sujeito. Já se viu que sem conhecimento não existe sujeito e a pesquisadora implicada é um sujeito epistêmico, que, ao gerar conhecimento, é produzido na interação com ele. Essa interação aparece representada na obra de Bruly (Fig. 8)

Fig. 8. Fotografia da obra de Bruly, Costa de Marfim



AnCo então se constrói como campo ao considerar o "fazer" na convergência com a multirreferencialidade e a intencionalidade do sujeito no processo de pesquisa. A pesquisadora implicada se autoproduz e contribui para o conhecimento tentando compreender o processo complexo como uma unidade, mas reconhecendo que a unidade é multidimensional. Assim emerge o conceito de ente cognitivo complexo: ser-com-plexus como resultado de uma ontologia da complexidade. A pesquisadora como observadora da socialidade, ser humano em aberto co/ cria para a compreensão do real. Diante disso na construção do agenciamento de AnCo é preciso a captação de interfaces cognitivas entre personagens conceituais e figuras estéticas em quanto agentes de enunciação (Deleuze, G., Guattari, F., 1992:56) focados nos acontecimentos, fluxos, em cada situação interativa, aproveitando diferentes formas de produção de sentido.

O surgimento dos "Cultos de Posesión" reafirma a existência de uma cultura afro, distante da ideia que outras religiões como os pentecostais, evangelistas e alguns católicos sustentam. Para eles os "Cultos de Posesión" supõem uma satanização do mundo por invocar "espíritos malignos" e sacrificar animais. Concluindo, o caráter denso e multidimensional das práticas culturais e religiosas afro em Uruguai exigem uma forma de análise e interpretação para lograr uma visão artística e religiosa ampla e satisfatória. O caráter denso do fenômeno social estudado implica conhecer manifestações e formas artísticas como canto, música, dança, expressão plástica e suas inter-relações. Resulta difícil compreender a complexidade do real si não se atende a socialidade dos sujeitos. Por encima dos "Cultos de Posesión" prima a necessidade de pertencimento a uma nação africana.

Na Análise Cognitiva realizada confluem dimensões entrelaçadas de caráter teórico, epistemológico, metodológico, ontológico, axiológico, ético, estético, afetivo e autopoietico para contribuir ao entendimento de um conhecimento sobre os “Cultos de Posesión” em Uruguai e suas respectivas linguagens e atividades específicas, com o propósito de tomar estas especificidades em bases para a compreensão mais ampla do mesmo conhecimento, com o compromisso de traduzi-lo, reconstruí-lo e difundi-lo com perspectivas abertas ao diálogo e a interação entre comunidades vinculadas de forma de contribuir ao conhecimento público aquele de caráter privado que é produzido por essas comunidades, mas que são também de interesse comum a outros grupos / comunidades/ formações sociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbier, R. (2007) *A pesquisa-ação*. Brasília: Liberlivro.
- Bhabha, H. (2010) *O local da cultura*. Ed. UFMG.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1992) *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Frigerio, A. El rol de la “Escuela Uruguaya” em la expansión de las religiones afrobrasileñas en Argentina, Em: Pi Hugarte, R. (Org) *Cultos de posesión en Uruguay*. Antropología e Historia. Fac. de Humanidades
- Fonet-Bentancourt, R. (2004) *Interculturalidade, críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo. Nova Harmonia.
- Froes Burnham y Col. (2012) *Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem*. Salvador: EDUFBA.
- Fróes Burnham, T. (1998) Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo. Em: Barbosa, J. (Org.). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: UFSC.
- Maffesoli, M. (1998) *A sociologia como conhecimento da socialidade*. São Carlos: UFSCar, 1998.
- (2007) *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. São Paulo: Record.
- (2010) *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. São Paulo: Forense Universitaria.
- Pi Hugarte, R. y col. (1998) *Cultos de posesión en Uruguay*. Antropología e Historia. Fac. de Humanidades.